

Diversidade geracional na educação de jovens e adultos - implicações para a prática pedagógica

Maria Margarida Machado (UFG)
mmm22404@gmail.com

Maria Emília de Castro Rodrigues (UFG)
me.castrorodrigues@gmail.com

RESUMO

O artigo resulta de pesquisas desenvolvidas a partir do acompanhamento da expansão da experiência da integração curricular entre Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional, denominada Proeja-FIC, que vem ocorrendo na rede municipal de Goiânia-GO. Os dados apresentam a caracterização de alunos e alunas que frequentam o ensino fundamental noturno na experiência do Proeja-FIC em dez escolas, problematizando, a partir mais especificamente das questões geracionais, os desafios da prática pedagógica nestas escolas. Os resultados preliminares indicam a presença de uma maioria de adolescentes e jovens na faixa etária de 15 a 29 anos nos cursos, o que desafia a convivência e permanência dos adultos e idosos, ao mesmo tempo em que exige dos profissionais da educação a construção de estratégias diferenciadas do ponto de vista pedagógico.

Palavras-chave: Juventude. Educação de jovens e adultos. Educação profissional.

ABSTRACT

This article is the result of researches developed by monitoring the expansion of the experience of curricular integration between Adult and Youth Education and Professional Education, the so called Proeja-FIC, occurring in the municipal education system in Goiânia-GO. The data presents a characterization of the students who attend elementary school in the evening classes that belong to the experience of Proeja-FIC in ten schools. It problematizes, based on generational issues, the challenges of pedagogical practices in these schools. The preliminary results indicate the presence of a majority of adolescents and young people in the age range of 15 to 29 in the courses, which defies the

existence and permanence of adults and the elderly, at the same time that demands from education professionals differentiated strategies, from an educational point of view.

Key words: Youth. Adult and Youth Education. Professional Education.

Introdução

A ênfase na diversidade em classes de educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil tem sido evidenciada nas pesquisas que se dedicam a abordar os sujeitos desta modalidade. Portanto, tratar das diferenças em termos de idade, gênero, etnia, raça, territorialidade, entre outros, aponta a preocupação com o respeito a estas especificidades, sobretudo na sua relação com as práticas pedagógicas. Este artigo pretende ser mais uma contribuição neste sentido, pois aborda o desafio da atuação dos educadores frente a turmas com uma presença significativa de adolescentes e jovens, convivendo com adultos trabalhadores.

A análise da questão geracional aqui apresentada advém de pesquisa diagnóstica que identificou o perfil dos educandos de dez escolas de EJA da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME), que estão ofertando, em 2013, cursos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos, na Formação Inicial e Continuada (Proeja FIC), numa parceria com o Instituto Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Goiás¹ (IFG) e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG).

O município de Goiânia atua na EJA desde a década de 1960, quando as suas escolas já eram utilizadas para o funcionamento de classes noturnas de Ensino Supletivo, autorizadas no âmbito do Conselho Estadual de Educação. A partir da década de 1990 a Rede Municipal de Goiânia estruturou uma oferta diferenciada para o período noturno, já introduzindo formação para os professores que atuavam neste turno e contando com coordenação específica para tratar dos desafios que a escola à noite demandava. A partir da constituição do Conselho Municipal de Educação de Goiânia, em 1998, a

¹ O IFG utiliza recursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) nesta experiência de Proeja FIC.

Secretaria Municipal de Educação passou a submeter a este conselho uma proposta político-pedagógica específica para a Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), que é reavaliada a cada quatro anos para possibilitar a adequação do sistema às necessidades dos educandos.

A experiência do Proeja-FIC em Goiânia é mais uma entre as várias possibilidades de atendimento dos educandos da RME que já possuem 15 anos e mais e, portanto, não são mais atendidos nas classes de Ciclo, mas na modalidade de EAJA. O diferencial em relação às outras propostas, que já ofertam atendimento de alfabetização à conclusão do ensino fundamental, é que o Proeja FIC introduz no currículo dos alunos do segundo segmento o que corresponde aos anos finais do ensino fundamental, componentes ligados a uma qualificação profissional (EP) inicial.

A pesquisa diagnóstica do perfil dos alunos traz um conjunto de informações acerca dos educandos que muito contribuem para o trabalho de educadores e gestores. Para o recorte deste artigo, focalizaremos mais precisamente a questão geracional, que tem se destacado como sendo uma das maiores preocupações, sobretudo dos educadores, para o êxito da experiência por exigir uma compreensão sobre os sentidos atribuídos ao trabalho e sua relação com escolarização, pelos adolescentes e jovens, que são a maioria nas turmas de Proeja FIC.

Percurso inicial da experiência

A experiência analisada teve início em uma escola da RME, entre 2010-2012, em parceria com o IFG e a FE/UFG. Após avaliação dos gestores do município e do IFG, bem como do acompanhamento da experiência pela pesquisa do Centro Memória Viva Documentação e Referência em Educação de Jovens e Adultos, Educação Popular e Movimentos Sociais do Centro-Oeste (CMV), houve a indicação de ampliar o atendimento para mais nove escolas, através do Proeja FIC/Pronatec, sob a coordenação da Divisão de Educação Fundamental de Adolescentes Jovens e Adultos (DEF-AJA), do Departamento Pedagógico da SME.

Após a adesão das escolas ao programa, foi realizado um levantamento da demanda por cursos de formação profissional inicial, pela SME e a UFG, com base no contexto da comunidade e um questionário aplicado junto aos alunos, no final do ano de 2012, levantando os cursos de interesse. Deste levantamento foram selecionados os dois mais indicados, em cada escola,

quais sejam: Operador de Computador (Informática), Mestre de Obras, Eletricista Industrial, Auxiliar de Cozinha e Modelista. A opção por dois cursos foi para garantir a possibilidade de escolha dos alunos, porém dentro de um direcionamento a partir de um leque de alternativas.

A maior procura entre os cursos foi na área de Informática (Operador de Computador), totalizando 28 turmas de um total de 43. Ou seja, configuraram-se um percentual de 65,16% dos cursos oferecidos, sendo que os demais foram: 05 de Mestre de Obras (11,63%); 05 turmas de Eletricista Industrial (11,63%); 04 turmas de Modelagem (9,30%); e apenas 01 turma de Auxiliar de Cozinha (2,32%). Estaria esta escolha dos cursos relacionada ao perfil dos alunos das respectivas escolas, já que a maioria dos alunos é de jovens? A única exceção a este perfil é a de uma das escolas, cujos alunos do Curso de Auxiliar de Cozinha são em sua maioria adultos.

Foi realizada também uma ampla divulgação junto à comunidade a respeito dessa nova oferta de EJA com EP oferecida nas escolas. Inicialmente o número de matrículas foi grande, mas este número em razão de vários desafios enfrentados tem decrescido. A expectativa inicial era de que essa inovação, da oferta de EJA integrada à EP, além da qualificação dos alunos, contribuísse para o aumento do atendimento da modalidade na RME, bem como proporcionasse a diminuição do abandono escolar desses sujeitos, oferecendo uma educação mais atrativa, com novas metodologias, com a organização do currículo integrado com aulas interdisciplinares e conjuntas.

Na implementação dos cursos a FE/UFG tem se comprometido no trabalho de formação continuada dos profissionais (gestores, coordenadores, professores, supervisores de curso, orientadores escolares, apoios acadêmicos e orientadores formadores), bem como tem buscado contribuir com a sistematização e a divulgação desta experiência, por meio do Portal do Fórum Goiano de EJA (www.forumeja.org.br/go); o IFG subsidia com a estrutura de contratação de profissionais da educação profissional e apoios, bem como contribui na formação continuada dos mesmos; e a SME, via DEF-AJA, atua no acompanhamento pedagógico e administrativo das escolas jurisdicionadas.

Outra frente de trabalho são as atividades de formação e acompanhamento dos professores que atuam no Proeja FIC/Pronatec, enquanto parte da pesquisa Observatório da Educação - Obeduc 2012, da Capes, Edital 49/2012 - do Projeto “Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à

Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais”, coordenado pela FE/UFG.

A formação tem trabalhado os eixos orientadores identidade, conhecimento e trabalho, tomados ora como princípios, como categorias e/ou como referencial teórico metodológico no processo formativo, tanto no curso inicial realizado a cada ano/semestre; nos encontros nas escolas, realizados quinzenalmente, com acompanhamento semanal; e na formação dos formadores que ocorre semanalmente para estudo e formação/planejamento. Os encontros quinzenais realizados nas 10 escolas têm abordado temáticas de aprofundamento sobre: currículo integrado; organização curricular que parta da realidade dos educandos da EJA via tema gerador, projeto de ensino-aprendizagem, eixo temático; sujeitos da educação de adolescentes, jovens e adultos (EAJA); princípios e fundamentos ético-político-pedagógicos; proposta político-pedagógica da EAJA; organização do trabalho pedagógico (planejamento, metodologias de ensino...); avaliação; evasão; questões geracionais e de gênero, entre outros temas levantados pelas dez escolas que compõem a experiência do Proeja FIC/Pronatec.

Partimos da premissa de que para manter os alunos na escola é preciso antes conhecê-los: quem são, de onde vieram, a idade, seus interesses/necessidades, trabalho, sonhos, dados sobre sua vida escolar, perspectivas educacionais, como enxergam a escola, etc. compondo o perfil socioeconômico e cultural das/os educandas/os, além de outros dados que nos levem a acolhê-los, considerar seus saberes cotidianos/senso comum ou de experiência feitos (na perspectiva vygotskyana, gramsciana ou freireana respectivamente) na construção e apropriação do saber técnico-científico a que todos têm direito.

Perfil dos alunos e alunas do Proeja FIC/Pronatec da SME de Goiânia

Os alunos do Proeja FIC/Pronatec, por serem da EJA, compõem um público com perfil socioeconômico e cultural peculiar, que tem o direito a uma formação humana, que lhes garanta o acesso aos saberes técnico-científicos historicamente produzidos e sistematizados, articulados aos saberes cotidianos/senso comum (ao bom senso, que é o núcleo sadio do senso comum, segundo Gramsci, 1989) produzidos na realidade social em que se inserem. São homens e mulheres (pais e mães) trabalhadores/as

ou filhas/os de trabalhadoras/es, jovens, que ingressam precocemente ou estão em vias de se inserir no mercado de trabalho e adultos empregados ou desempregados, com traços de identidade comuns, mas também divergentes.

Estes alunos se inserem numa caracterização bem própria dos sujeitos que são atendidos na modalidade EJA: são jovens, adultos e idosos com baixa autoestima, inseguros, com vergonha, humilhados, prontos para abandonarem a escola, que compõem turmas heterogêneas, com ritmos diferentes na aprendizagem, mas não podem ser considerados como deficientes, e sim diferentes entre si e dos educandos do ensino regular, sendo, em geral, os jovens mais ágeis que os adultos e idosos, em especial no uso das tecnologias, porém estes últimos possuem uma persistência maior; e necessitam apreender as regras, tarefas da escola e a linguagem escolar etc.

Segundo Oliveira (2005) os jovens da EJA em geral diferem de outros adolescentes/jovens, por terem responsabilidades precoces; valorizam muito o convívio entre jovens (identidade grupal, pertencimento), tomando a sociabilidade como algo central, bem como o pertencer a grupos de amigos; desenvolvem formas diferentes de expressão (gírias), manifestações culturais (musical, teatral etc.), expressam com mais facilidade suas opiniões, críticas, valores; têm perspectiva de futuro; buscam melhores chances de emprego, inclusive com a expectativa de cursar o nível superior etc., procuram a afirmação da autoestima.

Os adultos também em geral ingressaram cedo no mercado do trabalho, com responsabilidade diante da vida, para manter o próprio sustento e de seus familiares; assumem mais seus atos e palavras; valorizam o convívio, mas a família se sobrepõe a outros grupos; predomina a racionalidade, são mais objetivos; buscam manter-se no emprego através da qualificação profissional; têm expectativas de melhoria da condição social e histórias de vida mais longa que necessitam ser consideradas; buscam a independência do ler e escrever a palavra e o mundo, apesar de terem a oralidade desenvolvida (OLIVEIRA, 2004; 2005).

Os idosos da EJA trazem consigo em geral um percurso de falta de escolaridade ou escolaridade irregular, e às vezes frequentam cursos extracurriculares (em grupos de idosos); têm interesses, motivações, experiências diferentes e uma história de vida mais longa; em função da idade têm outras necessidades/dificuldades para manterem-se na vida (problemas de saúde); ingressaram precocemente no mercado do

trabalho, mas na sociedade capitalista em geral ocorre a marginalização do idoso, considerado improdutivo e, contraditoriamente, há casos em que a aposentadoria é a única renda da família; tomam conta dos netos (têm responsabilidades com a família); buscam a escola para superar a solidão e querem conhecimentos significativos para reconstruir a trajetória escolar; são sujeitos ativos na construção do conhecimento, porém apresentam uma aprendizagem mais lenta e a capacidade intelectual mais seletiva (dificuldades de memorizar), e são mais persistentes que os jovens; nessa fase da vida agudizam-se traumas, mágoas, ausência de afetividade/sentimento de rejeição (ZACHARIAS, 2001).

Todas estas características podem se apresentar nos educandos do Proeja, e é fundamental que os professores construam o diagnóstico (inicial e contínuo) das turmas em que trabalham, conhecendo: quem são os alunos, de onde vem, seu mundo do trabalho (trabalham? em quê? carga horária de trabalho?), os saberes que dominam e que precisam dominar, etc. Enfim, pensar o sujeito aluno da EJA no Proeja, perceber suas identidades, a cultura das juventudes, as trajetórias descontínuas, os processos de expulsão da escola regular, formas de acesso à escola, entre outros aspectos, para que possamos vê-los como sujeitos concretos, inseridos no seu mundo social, em situações histórico-culturais específicas.

Em consonância com esta perspectiva, levantamos o perfil dos alunos do Proeja FIC/Pronatec da SME de Goiânia, utilizando, além de diálogos e escritas, a aplicação de questionários junto aos alunos. Contudo em razão da rotatividade da frequência dos mesmos, dos que estavam frequentando, 658 alunos responderam ao questionário. A partir da observação dos dados construídos com vistas a compor o perfil socioeconômico e cultural dos alunos, verificamos uma grande heterogeneidade entre os alunos que responderam ao primeiro questionário aplicado. Dos dados levantados destacamos especificamente os relativos aos geracionais, que se mostraram relevantes para uma análise na busca de melhor compreensão sobre as especificidades que se apresentam nesse grupo de alunos.

Entre os alunos da EAJA Proeja FIC/Pronatec prevalece a faixa etária de 15 a 29 anos, configurando-se em uma presença cada vez maior de adolescentes e jovens nesta modalidade, em detrimento de um número grande de adultos que deveria ser atendido, mas a escola ainda não os tem alcançado, ou mesmo quando estes a procuram, muitos nela não têm permanecido, inclusive por questões geracionais. A questão da juvenalização da

EJA já foi constatada em trabalhos como de Costa (2008), Andrade (2004), e também confirmado em nossa pesquisa no segundo segmento do ensino fundamental da SME de Goiânia: “No Brasil de hoje, qualquer educador da EJA - professores, pesquisadores, profissionais da educação etc. - há de se deparar com a juventude, presença marcante nas salas de aula, particularmente das escolas noturnas dos grandes centros urbanos [...]” (p. 45).

Mas é importante destacar que nos anos iniciais na EAJA em Goiânia ainda conta-se com uma maioria de adultos e idosos. Por outro lado, temos observado que no segundo segmento estes têm dado pouco prosseguimento nos estudos e os jovens estão chegando cada vez mais cedo nesta modalidade e em um percentual cada vez maior. Como podemos perceber na comparação com os dados da Proposta Político-Pedagógica da EAJA (GOIÂNIA, 2010-2013), que apontava serem, em 2006, aproximadamente 45% adultos e idosos, e os dados de 2007, 2008 e 2009² apresentavam serem respectivamente: 48,88%, 51,69% e 49,42% na faixa etária entre 15 e 25 anos.

Já nas turmas do Proeja FIC/Pronatec, em 2013, os dados apontam para a faixa etária compreendida entre 15 e 29 anos, correspondente à juventude³, com percentual de 68,33%, sendo que, dentre este total, a maior parte está entre 15 e 18 anos, ou seja, ainda estão na adolescência⁴. O segundo maior grupo de alunos se encontra na faixa etária de 30 a 60 anos, que corresponde à fase adulta, com 20,19%. E apenas 1,85% dos alunos são considerados idosos⁵ - com idade superior a 60 anos.

O que por sua vez muito nos preocupa, pois segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a população de 15 anos e mais no Brasil, sem instrução e com nível de escolarização fundamental incompleto, totaliza 65.043.145 pessoas, sendo que destas, por faixa etária, são: entre 15 a 29 anos, 15.398.723 pessoas, perfazendo 23,67%; enquanto que entre 30 e 65 anos este número corresponde a 39.483.999 pessoas, sendo 60,71%; e acima de 65 anos são 10.160.423 pessoas, perfazendo 15,62%. E ainda de acordo com Willian Vieira e Gabriel Bonis:

² Os dados da Divisão de Administração Educacional da SME de Goiânia (DAE), responsável pelo Movimento Escolar, incluem os jovens de 26 a 29 anos na faixa etária adulta.

³ Conforme Estatuto da Juventude - instituído por projeto de lei aprovado pelo Plenário da Câmara em 09/07/2013, aguardando sanção da Presidência da República.

⁴ Em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069 de 13 de julho de 1990.

⁵ De acordo com a Lei 10.741 de 01/10/2003 do Estatuto do Idoso.

[...] o Brasil envelhece. Segundo o Ipea, a participação de indivíduos entre 15 e 29 anos no total da população alcançou seu pico em 2000. Desde então, tem declinado, ao passo que, até 2020, o número de brasileiros com 80 anos ou mais deve dobrar, até alcançar a marca de 6 milhões. Os jovens de hoje sustentarão os velhos de amanhã (2013, p. 64).

Com a realidade de envelhecimento da população brasileira sem que isto esteja acompanhado de um aumento do capital cultural - o que certamente não se restringe à escolarização, mas sem ela também não se concretiza -, indagamos: onde estão estes adultos e idosos, que totalizam 76,33% dos que não concluíram o ensino fundamental? Grande parte deles sequer foram alfabetizados, mas aqueles que chegaram aos anos iniciais do ensino fundamental onde estão? Por que não têm buscado o segundo segmento? Por que não têm dado continuidade à escolarização? O que leva muitos a desistirem? Várias são as causas e entre elas temos diagnosticado os problemas geracionais.

Questões geracionais: desafios à prática pedagógica nas escolas

Na Proposta Político-Pedagógica da EAJA aparece a questão geracional como algo que indaga aos gestores e inquieta os professores e demais profissionais da escola:

Como se apresentam os conflitos geracionais nesse universo? Os adolescentes sentem dificuldades em compreender os ritmos e costumes dos idosos, enquanto esses também não se adequam às irreverências e hábitos juvenis. Embora esses conflitos sejam concebidos pelos educadores como um dificultador do processo ensino-aprendizagem, Spósito (1996) afirma que a resistência aos conflitos entre as gerações enriquece a vida social, pois aponta novas alternativas e sinaliza possibilidades de mudanças (GOIÂNIA, 2010-2013, p. 19-20).

Também nos relatórios elaborados por professores do Proeja FIC/Pronatec, que fazem parte do Obeduc, estão presentes os conflitos geracionais:

Esses jovens e adolescentes chegam na EAJA normalmente trazem consigo experiências recorrentes de desistência e/ou fracasso escolar, os quais refletem um quadro de exclusão social. [... Eles têm] potencializado, de modo significativo, o risco de evasão, pois muitos adolescentes e até mesmo jovens, ao longo do ano, se sentem atraídos por outras atividades e deixam de frequentar a escola. Entretanto, antes de desistirem, já levaram à desistência educandos adultos que não conseguem, devido ao cansaço e dificuldade de concentração, tolerar o burburinho dos jovens e adolescentes, bem como a dificuldade que eles apresentam de se submeterem à autoridade de outrem, quer seja na família ou na escola (AVELAR, 2013, p. 11).

É cada vez mais frequente o conflito no espaço escolar entre as gerações por questões comportamentais e visão de mundo, sendo que muitos de nossos alunos mais velhos dizem que vão embora da escola porque não aguentam a bagunça desses adolescentes em sala. Isso ficou muito claro em nossa escola, quando um grupo significativo de alunos disse que se não fizesse uma sala somente com as pessoas da mesma faixa etária iriam embora e não mais retornariam. Apesar de tentar mediar a situação, foi atendido o pedido deles e essa turma é a mais frequente com pouco abandono, embora sejam os que mais têm dificuldades de aprendizagem e a de menor rendimento (ABREU, 2013, p. 2-3).

Dificuldades em compreender os “ritmos e costumes dos idosos”, “irreverências e hábitos juvenis”, jovens que evadem e levam “à desistência educandos adultos que não conseguem, devido ao cansaço e dificuldade de concentração, tolerar o burburinho dos jovens e adolescentes”, “conflito no espaço escolar entre as gerações por questões comportamentais e visão de mundo”, “alunos mais velhos dizem que vão embora da escola porque não aguentam a bagunça desses adolescentes em sala”, turma só de adultos “é a mais frequente, com pouco abandono, embora sejam os que mais têm dificuldades de aprendizagem e a de menor rendimento”, questões geracionais vistas como “dificultador do processo ensino-aprendizagem”

pelos professores. Estes são alguns desafios que estão postos na EJA e que não podem passar despercebidos.

Mas como a escola pode trabalhar de forma satisfatória os conflitos geracionais? Como trabalhar o respeito às diferenças e ao outro? Podemos simplesmente separar as turmas sem desenvolver um processo formativo que considere estas diferenças e a vida em sociedade, em que jovens, adultos e idosos devem *com-viver*, ou seja, saber *viver-com* o outro? Como tornar a escola mais atrativa principalmente para os jovens adolescentes? Que saberes jovens, adultos e idosos possuem? O que os aproxima e os distancia? A situação exige - para além da escuta atenta a quem são, o que pensam, necessitam e interessam a estes alunos - o estabelecimento de um diálogo efetivo, superando as situações de monólogo tanto dos alunos entre si, quanto dos profissionais da educação, possibilitando o reconhecimento e a troca dos diferentes saberes.

Para que estes saberes possam ser trocados/aprendidos entre si é de suma importância que os educadores façam um diagnóstico dos saberes cotidianos/de experiência que os educandos possuem; que possibilitem a articulação destes saberes com os técnico-científicos que cabem à escola trabalhar; e estejam abertos permanentemente ao diálogo com os educandos, e destes entre si, valorizando os saberes que já possuem, complementando-os, revendo-os, auxiliando em sua organização. Vygotsky (1987; 1998) destacava o quanto é fundamental descobrir o que o aluno já sabe; organizar de forma coerente e articulada o conteúdo a ser transmitido; criar condições para que ele possa passar do particular para o geral e deste para aquele, de tal forma que ele próprio reconstrua o conhecimento, e nesse processo possa contar com a mediação e ajuda do outro que domina este saber, seja ele o/a professor/a ou a/o colega presente na sala de aula.

Mas para isso precisamos ter a clareza de que ninguém sabe tudo e ninguém não sabe nada, que partindo do diálogo com os educandos, em que apresentem sobre o que sabem, em diferentes níveis, pode-se avançar rumo à (re)construção dos saberes sistematizados, dando sentido e significados aos saberes científicos, por meio dos saberes cotidianos, e por sua vez aprofundando/verticalizando os/nos saberes do senso comum, através dos conhecimentos científicos, filosóficos, artísticos e éticos. Diálogo que só ocorre quando há humildade entre educando que educa ao ser educado e ensinante que aprende ao ensinar. Muitos alunos possuem uma visão tradicional de escola - apenas o professor sabe e é o centro do processo

ensino-aprendizagem -, o que precisa ser desconstruído, pois na sala de aula há vários sujeitos, com diferentes saberes, e todos ensinam e aprendem (BARRETO, J. C.; BARRETO, V., 2005).

No que tange aos ritmos é importante dizer que não podemos unificar a sala, as atividades, os conteúdos, como se todos soubessem as mesmas coisas e produzissem no mesmo ritmo. Há níveis e ritmos de aprendizagem e conhecimentos diferenciados na sala de aula, que demandam atividades em níveis diferenciados, de forma a favorecer que os alunos avancem de um nível para outro.

E no caso do adulto e idoso, em especial frente às tecnologias, é importante considerar que estas devem ser utilizadas, mas com uso concomitante de outras metodologias/recursos, que lhes possibilitem acompanhar e aprender o que está sendo trabalhado. Por exemplo: quando utilizamos um vídeo, podemos ir fazendo anotações/esquemas no quadro (por ser um recurso mais lento, ao mesmo tempo que reforça o que está sendo trabalhado), que ajudem os alunos com ritmo mais lento a compreenderem o que está sendo apresentado; ou ainda fazer comentários apresentando o material antes, articulando aos conhecimentos e temas/unidades trabalhadas, e retomar todo o processo ao final. Estas práticas, além de favorecerem àqueles alunos da EJA que têm ritmo mais lento ou dificuldades de aprendizagem, possibilita-lhes verem sentido nos recursos utilizados, já que muitos deles tomam a utilização de vídeos ou slides como perda de tempo (ao ver televisão ou vídeo em casa, tomam como uma atividade de lazer e não de ensino-aprendizagem escolar).

No que se refere ao “burburinho dos jovens e adolescentes” e à indisciplina na sala de aula, ainda que a sala não tenha que ser o espaço do silêncio contínuo, é fundamental construir a disciplina consciente e interativa (VASCONCELLOS, 1995), que tem como pressuposto básico que o meu direito deve caminhar junto com o seu. E que, para que se possa produzir o conhecimento, há momentos em que é imprescindível o silêncio, enquanto em outros o diálogo é essencial.

Nesse processo a construção das regras coletivamente e sua exposição e vivência cotidianas precisam se dar, sendo aos poucos internalizadas, passando a fazer parte do grupo. E aqui há uma contribuição muito grande na formação dos jovens, que vão sendo cobrados, tanto pelos professores, quanto pelos mais velhos, mas com o passar do tempo passam a vivenciá-las, inclusive por terem feito parte de sua construção. Mas vale destacar

que os jovens (assim como adultos e idosos) se envolvem no processo de ensino aprendizagem quando o que está sendo trabalhado lhes é significativo, desperta o interesse, e não são atividades maçantes, apenas para responder a um currículo pronto, previamente construído e academicista.

Por outro lado, cabe aos alunos adultos e idosos o exercício da paciência e compreensão, auxiliando no processo educativo de seus pares, competindo aos professores proporcionar atividades adequadas aos níveis dos alunos, diferenciadas (em alguns momentos) e a mais para quem já concluiu, para que o barulho não aumente, enquanto os mais velhos ou mais lentos ainda não terminaram, pois tentar estudar cansado e com dificuldade de concentração realmente leva “à desistência dos educandos”, não só dos adultos e idosos, mas de todos os que não conseguem aprender.

Nesse sentido, a construção da disciplina/convivência escolar é algo que merece atenção e cuidado por parte dos profissionais desde o primeiro dia de aula e não é porque são jovens, adultos ou idosos que já sabem se comportar na escola; eles precisam participar ativamente da construção das regras de convivência escolar, visualizá-las e vivenciá-las dia a dia.

Mesmo sendo os adultos ou idosos “os que mais têm dificuldades de aprendizagem e a [turma] de menor rendimento”, são mais perseverantes que os jovens em busca da construção do conhecimento (o que compensa em muito no processo de aprendizagem) e no que se refere à permanência na escola, precisamos considerar o que Vygotsky (1987, 1998) afirmou: que os diferentes níveis de aprendizagem e desenvolvimento na sala de aula aceleram o nível de desenvolvimento da turma, quando mediados adequadamente pelo outro, e aqui cabe o papel essencial do/a professor/a, mas não exclusivo dele/a, já que na sala há vários sujeitos que podem contribuir neste processo, sendo o trabalho em grupo uma estratégia importante a ser utilizada em sala.

Ao falarmos no papel do outro como mediador na construção das aprendizagens dos conhecimentos por compreensão, com vistas ao desenvolvimento dos educandos - considerando o nível de desenvolvimento real e proximal -, Vygotsky (1987) nos aponta que a tarefa de ser mediador entre o objeto e o sujeito do conhecimento exige do/a professor/a o desenvolvimento de certas atitudes, enquanto mediador por excelência: “[...] o professor, trabalhando com o aluno, explicou, deu informações, questionou, corrigiu o aluno e o fez explicar” (p. 92). Mas estas funções também podem ser exercitadas por educandos/as que também dominam determinados

assuntos e no trabalho coletivo auxiliam seus pares (em grupos de estudos, de apoio, de reforço/revisão, monitorias, trabalhos em grupo etc.), inclusive utilizando uma linguagem muitas vezes até mais próxima do/a seu/a companheiro/a de classe (que a do/a próprio/a professor/a, em função da realidade em que vivem), o que favorece a aprendizagem.

A Proposta Pedagógica da EAJA da SME de Goiânia (2010-2013) indaga sobre como trabalhar com as questões geracionais e nos leva a buscar compreender as especificidades de cada faixa etária. Nesse sentido, Andrade (2004) reflete sobre a valorização que deve ser dada aos/às adolescentes, jovens, adultos/as e idosos/as que por esforço pessoal e iniciativa própria retornam à escola, pois nessa fase esse esforço geralmente não parte mais do grupo familiar ao qual pertencem - que os querem junto a si ou aos seus - e nem muitas vezes do Sistema Educacional, que os “expulsa”. Com isso, somos levadas/os a pensar sobre o atendimento e o acolhimento (BARRETO, 2006) que é oferecido a esses/as educandos/as e em que medida a prática docente e as características da escola atendem às aspirações desse grupo.

No caso dos jovens, “na maioria das vezes, as relações sociais mais significativas são gestadas fora da escola e da família, as tradicionais instituições socializadoras. [...]” (SPÓSITO, 1996, p. 101).

Que experiências culturais a escola oferece no âmbito da sociabilidade juvenil? Que estratégias possibilitam ao idoso a convivência com seus pares? Como mediar a resistência e o conflito entre gerações de forma que enriqueçam a vida social e sinalizem novas alternativas como possibilidades de mudanças?

Os adolescentes, jovens e adultos da EAJA compõem, de forma relativa, um grupo homogêneo, comparado à população desse país. No entanto, a heterogeneidade também é comum para esses sujeitos. De acordo com Frochtengarten (2009, p. 31), “A diversidade de saberes, habilidades e ritmos de trabalho costuma ser a marca das turmas e representa um dos desafios ao trabalho pedagógico”. A diversidade de saberes tem sido uma das dificuldades apontadas pelos educadores da EAJA. Enfrentar esse problema é o desafio cotidiano. A organização curricular ainda tem desconsiderado os educandos e suas experiências aprendidas no mundo. A necessidade

de dialogar com os saberes, os anseios e as expectativas dos adolescentes, jovens e adultos é premente, sobretudo na EAJA. Conforme analisa Oliveira e Paiva (2004, p. 104), “Isso quer dizer que dizer algo a alguém não provoca aprendizagem nem conhecimento, a menos que aquilo que foi dito possa entrar em conexão com os interesses, crenças, valores ou saberes daquele que escuta” (GOIÂNIA, 2010-2013, p. 19-20).

Por isso é fundamental a escuta a estes sujeitos, o diagnóstico dos níveis de aprendizagem e desenvolvimento, os saberes que possuem e que almejam acessar, seus interesses e necessidades, dificuldades que estejam acontecendo no decorrer das aulas, criando momentos de parada para autoavaliação do processo e dialogar com eles na sala, na escola. Trabalhar com a diversidade é o que nos move para a unidade, não do uniforme, mas do diferente que se quer ver respeitado na construção de uma sociedade mais justa, em que o convívio com o diferente é o grande exercício do direito na EJA, garantindo o acesso aos saberes historicamente produzidos, tanto os cotidianos, quanto os técnico-científicos.

Mas, em contraposição a esta perspectiva, a realidade de nossos jovens é adversa à escolarização:

O que explica os 22% de jovens de 18 a 19 anos fora da escola sem ter completado o ensino fundamental. Pobres e sem perspectiva, eles têm de trabalhar. Um estudo do Ministério da Educação (MEC) mostra que 29% dos matriculados do 1° ao 9° ano trabalham. A ocupação é geralmente precária: quase metade não tem carteira assinada e 71% ganham menos de um salário mínimo. [...]

Os especialistas são unânimes ao afirmar que a educação na juventude parece se manter por um fio. [...] Muitos enfrentam problemas como a pobreza extrema, drogas, violência e gravidez. Têm uma vida instável, que afasta a prioridade da educação e os leva a abandonar a escola. Quando voltam, muitos são pais e precisam pagar as contas de casa. Segundo a Fundação Perseu Abramo, 20% dos meninos que largaram os estudos tiveram o primeiro filho antes dos 18 anos. Entre as mulheres, o porcentual

é de quase 50%. Sobra a Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente por seus cursos noturnos. Quase 20% dos matriculados no programa têm de 15 a 17 anos. O desinteresse é outra causa importante da evasão. Sem serem fisgados pela educação formal, muitos jovens deixam as aulas, ficam anos fora. Só mais tarde, quando a necessidade de um emprego bate à porta, é que percebem a importância dos estudos. Como impedir que educação e emprego concorram pela atenção do jovem? (VIEIRA; BONIS, 2013, p. 64; 68)

Os alunos do Proeja FIC/Pronatec têm uma realidade bem próxima à descrita, mesmo sendo a maioria jovens: 52,09% trabalham, mas os salários são baixíssimos; dos 658 respondentes, 308 (46,81%) ganham até um salário mínimo e 211 (32,07%) recebem até 3 salários mínimos, totalizando 78,88% dos educandos que recebem até 3 salários; e, destes, apenas 29,57% têm carteira assinada, chegando em duas escolas o índice de quem trabalha e não tem carteira assinada a 83,33% e 73,58%. O que demonstra a falta de segurança, de garantia de assistência e de perspectiva de poder contar no futuro com uma aposentadoria.

E, ainda, o trabalho que contraditoriamente cobra que os educandos que buscam a EJA tenham escolaridade, e os leva a procurar a escola, ao mesmo tempo não lhes possibilita muitas vezes continuar na escola. Eis uma das marcas da sociedade capitalista e um dos graves problemas desses jovens (adultos e idosos) estudantes da EJA e, em Goiânia, da EAJA: o cansaço e a falta de tempo para estudar em função da excessiva carga de trabalho (em geral a média de carga horária de trabalho por dia é superior a 8h, sem contar com o período de estudo que também é trabalho e dá trabalho). É fácil notar no rosto dos alunos trabalhadores esse cansaço, que, junto à falta de tempo para estudo, e à baixa concentração, repercutem em problemas relacionados à baixa capacidade de leitura, interpretação, de realizar aprendizagens.

E uma luta intensa está a acontecer, e as escolas deveriam concorrer para que os estudantes tivessem uma carga horária de trabalho mais curta, horários mais maleáveis e a garantia de que o estudo viesse em primeiro lugar, bem como maior esclarecimento sobre o trabalho, seus direitos, com vistas a conciliar os dois pontos que surgem entre as maiores preocupações, em especial da juventude (e dos adultos, principalmente pais e mães de

família): *educação e emprego*. Pois, entre a educação e o comer, os jovens e adultos continuarão a aceitar empregos ruins para manter-se e manter os familiares. Para os jovens, adultos e idosos da classe trabalhadora o direito e a garantia da educação passam também por proporcionar apoio e condições para que se mantenham na escola, com auxílios/bolsas que lhes possibilitem acesso/transporte, alimentação, materiais didáticos, dentre outros.

E aqui a questão de gênero, embora não seja aprofundada neste artigo, não poderia ser negligenciada, pois se para os jovens, adultos e idosos da EJA do sexo masculino a realidade em que estão inseridos é perversa, quando falamos das alunas desta modalidade, em geral é ainda mais difícil, pois além do trabalho fora do lar enfrentam uma terceira jornada em casa, e nem sempre contam com a parceria e colaboração dos parceiros no cuidado com os filhos e nas tarefas.

Dentre os alunos dos Proeja FIC/Pronatec que responderam ao questionário, ainda que a maioria seja do sexo masculino (365; 55,47%); 291 são do sexo feminino (44,22%) - sendo que 2 pessoas não responderam ao questionário neste item; e 24,81% informaram serem casados/as ou viverem com o companheiro/a e ainda 34,23% informaram terem filhos. Sabemos que não só o trabalho é difícil conciliar com os estudos, mas também o cuidado com a prole, especialmente quando se é jovem. E a gravidez precoce tem sido algo constante nas turmas de EJA e não raras vezes tem levado as jovens a abandonarem os estudos, seja por vergonha dos/as colegas, pelas dificuldades que a gravidez acarreta e pela responsabilidade do cuidar da criança.

E quando se fala em garantia do direito à escolarização, no caso específico desta modalidade educativa, vale a pena destacar o quanto é importante e necessário que se organizem nos espaços educativos onde funcionam turmas de EJA, com apoio dos governos em âmbito municipal, estadual e federal, formas de acolhimento das crianças, cujos pais, avós ou outros responsáveis que estudam na EJA possam deixá-las com segurança, a exemplo do que ocorre com o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem).

Outro aspecto importante é o adequar os currículos e conteúdos pedagógicos às aspirações e às necessidades dos alunos da EAJA - sejam eles jovens, adultos ou idosos -, o que não se configura em uma tarefa simples, pois não é apenas trabalhar o que seja significativo para o aluno, mas,

além disso, dar significação aos conteúdos que o aluno precisa apreender, com vistas a possibilitar a permanência e o sucesso desses educandos na modalidade, para que possam ser mais homens, na perspectiva freireana.

Por isso, pensar a escola como espaço de aprendizagem de todos os educandos, sejam eles trabalhadores, desempregados, subempregados, donas de casa, aposentados, nas diferentes configurações existentes na escola, é um grande desafio. Ao mesmo tempo em que possibilitar a aprendizagem com o outro se configura na vivência de uma educação emancipatória, que possibilita aos diferentes entre si aprender com a experiência do outro, trocar saberes, compartilhar ideias e ações, retroalimentar saberes e fazeres.

Algumas considerações

Estas reflexões buscam reafirmar as inquietações que vivenciam os educadores da EJA, ao deparar-se com classes constituídas por educandos de diferentes idades, ao mesmo tempo em que esperam contribuir para o estabelecimento de estratégias pedagógicas que venham ao encontro dos interesses e necessidades de sujeitos tão diversos quanto os que estão na EJA.

Especificamente em relação ao Proeja FIC, cabe destacar o desafio de lidar com os jovens, cada vez mais jovens, adolescentes mesmo, na modalidade. Há toda uma literatura do campo da EJA que dialoga com as especificidades do adulto trabalhador, mas conhece e conversa pouco com o universo juvenil. Esta dificuldade é ainda agravada quando se trata de um diálogo, como propõe o Proeja FIC, que busca aproximar a escolarização com o mundo do trabalho, enquanto espaço constitutivo da formação humana integral, o que não tem sido a realidade concreta nem dos adolescentes, nem dos jovens, muito menos dos adultos e idosos.

A questão geracional aparece ainda, na experiência analisada, como um problema de política educacional, tendo em vista que a juvenilização da EJA precisa ser discutida no âmbito do sistema educacional como um todo. No caso da RME Goiânia cabe perguntar o que está sendo feito para que os adolescentes cheguem ao Ciclo III, concluindo o ensino fundamental com qualidade, pois o que se observa na realidade dos adolescentes é uma espera para completar quatorze anos mais um dia para que eles sejam transferidos para a EAJA. Ressaltamos que o direito à educação é de todos, todavia a responsabilidade para com a garantia deste direito também precisa ser compartilhada por todos os níveis, etapas e modalidades da educação brasileira.

Referências

- ABREU, A. J. A. **Pesquisa Observatório da Educação: Análise do perfil dos alunos da EAJA da EMPNS**. Goiânia, GO, 2013. (Rel. Pesquisa).
- ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. *In: OLIVEIRA, I. B.; PAIVA, J. Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 43-54.
- AVELAR, G. M. M. F. **Retrospecto da trajetória desenvolvida no Projeto Desafios da Educação de Jovens Adultos integrada à Educação Profissional: identidades dos sujeitos, currículo integrado, mundo do trabalho e ambientes/mídias virtuais - Professores da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Goiânia - 1º semestre / 2013**. Goiânia, GO, 2013. (Rel. de Pesquisa).
- BARRETO, V. (coord.). **Alunas e Alunos da EJA**. Brasília, DF: MEC, 2006. (Coleção: Trabalhando com a educação de Jovens e Adultos). Disponível em: http://forumeja.org.br/fileseja_caderno1_0.pdf. Acesso em: 10 out. 2013.
- BARRETO, J. C.; BARRETO, V. Um sonho que não serve ao sonhador. *In: Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: Unesco, MEC, RAAAB, 2005. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001432/143238_por.pdf. Acesso em: 10 out. 2013.
- COSTA, C, B. **O trabalhador-aluno da EAJA: desafios no processo ensino-aprendizagem**. Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2008.
- GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta político-pedagógica da educação de adolescentes, jovens e adultos**. Goiânia, GO: SME de Goiânia, 2010-2013.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- OLIVEIRA, M. K. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. *In: Educação como exercício de diversidade*. Brasília: Unesco/MEC, Anped, 2005 (Coleção educação para todos; 7). Disponível em: http://forumeja.org.br/files/Vol%2007_ed%20Ed%20Diversidade.pdf. Acesso em 10 out. 2013.
- _____. Ciclos da vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. *In: Educação e Pesquisa*. Ano/vol.30, n. 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, maio-ago. 2004.
- VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.

VIEIRA, W.; BONIS, G. Os jovens compõem o grupo mais desprotegido da sociedade. *In: Revista Carta Capital*. Ano XVIII, nº 730, p. 64-69. Niterói, Rio de Janeiro: 09/01/2013. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/revista-carta-capital-os-jovens-comp%C3%B5em-o-grupo-mais-desprotegido-da-sociedade>. Acesso em: 25 out. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A Formação Social de Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZACHARIAS, S. T. Refletindo sobre a terceira idade. *In: LIMA, R. B. et al. Direitos humanos e cotidiano*. Goiânia, GO: Bandeirantes, 2001, p. 216-224.